

vale tudo
série vancouver storm | livro 4
stephanie archer

Tradução de Sílvia Garrido

Para o Sr. Archer, o meu sonâmbulo propenso a acidentes.

Avisos de conteúdo

Alguns detalhes sobre o mundo do hóquei profissional foram adaptados para que desfrute melhor da leitura.

Para verificar os avisos de conteúdo deste livro,
faça *scan* do código QR abaixo
ou aceda a www.stephaniearcherauthor.com/content-warnings/



Capítulo 1

Alexei

Ma manhã do jogo de abertura da época dos Vancouver Storm, espero pelo elevador para subir até ao escritório no estádio do selecionador Tate Ward, quando ouço: sapatos de salto alto.

Ela entra na minha periferia, e um aroma familiar envolve-me — baunilha, violetas e sândalo. Os meus ombros contraem-se.

Aqui vamos nós. O meu sangue começa a zunir. No pulso, o meu relógio ressoa em alerta com o aumento do ritmo cardíaco acima do ritmo de repouso, e eu silencio-o.

Ela levanta os olhos do telemóvel, com aqueles olhos quentes cor de uísque a arrefecerem.

— Oh. És tu.

Aproximo-me do botão do elevador e pressiono-o novamente. Não quero passar mais tempo do que o necessário com esta fedelha mimada.

Não suporto a Dr.^a Georgia Greene.

— Obrigada, Volkov. — Ela oferece-me um falso sorriso agradecido. — Não quero passar mais tempo contigo do que o necessário.

Como sempre, o seu cabelo ruivo cobre-lhe os ombros, solto, ondulado e volumoso, como uma daquelas mulheres sorridentes nos anúncios de champô. Não é vermelho, não é castanho, é algo entre um e outro, com fios dourados que refletem a luz. Um conjunto de novas sardas espalham-se pelo nariz e maçãs do rosto, provavelmente de banhos de sol num iate ao longo de todo o verão, deitada sem a parte de cima do biquíni enquanto lhe eram servidas bebidas numa bandeja de prata por um empregado qualquer do qual ela não sabe o nome. Os meus dentes cerram-se.

Ela está ao meu lado virada para as portas enquanto esperamos, ainda a ler os *e-mails* no telemóvel enquanto tento não a inalar.

— Estou surpreso que estejas de volta ao trabalho esta época. — Aparentemente, não consigo evitar provocá-la. — Pensei que já tivesses sacado um marido rico por esta altura.

Olho-a de soslaio, observando o seu cabelo impecável, a maquilhagem, a roupa que escolheu por forma a adaptar-se a cada curva sua. Os saltos-agulha altíssimos. A mala de mão cara, pendurada da dobra do seu braço. A família Greene é conhecida por ser dona de metade de Vancouver. Ela é exatamente como a minha ex — fútil, egocêntrica e obcecada com riqueza e imagem.

— Estou a ignorar-te — diz ela, com os olhos no telemóvel.

Nunca irei casar-me, ouvi-a dizer no ano passado. Mesmo assim, irrita-a quando falo sobre ela querer encontrar um marido rico, e a única coisa que eu amo mais do que irritar a doutora é o hóquei.

— Não é esse o teu desejo mais profundo? — pergunto. — Encontrar um velhote às portas da morte e ficar com dinheiro quando ele passar para o lado de lá, para que possas deixar o teu emprego e viver o resto dos teus dias a fazer o que mais adoras, gastar dinheiro contigo?

Não sei porque ajo desta forma quando estou perto dela. Não falo com mais ninguém como falo com esta mulher.

Com a palavra *velhote*, os lábios dela curvam-se num sorriso enjoado.

— Talvez me case contigo.

— Quando o Inferno congelar. — Nunca me casaria, muito menos com *ela*. — E não sou velho.

Tenho trinta e seis anos. Para um defesa de primeira linha, sou velho, mas ainda estou numa forma incrível. O troféu Norris é atribuído ao melhor defesa da NHL ao longo da época. Não o ganhei por três vezes porque me desleixei.

— Fogo do Inferno — acrescento.

A sua expressão endurece, e eu reprimo o ímpeto de sorrir. Ela odeia essa alcunha.

— Não me chames isso.

— É de onde és, certo? Forjada no fogo do Inferno?

Uma emoção expande-se-me no peito, como nos momentos antes de um jogo começar, e o ar em nosso redor crepita.

— Sabes qual é o meu mais profundo desejo, Volkov?

Ela vira-se para mim, os olhos a faiscar como fogo, e o meu coração bate com mais força.

— O meu mais profundo desejo, aquele que formulo em todos os meus aniversários, é que tu caias num buraco muito estreito, e muito fundo. Que não tenhas o telemóvel contigo. E que seja no meio do nada, e eu seja a única pessoa em redor. — Ela faz uma voz aguda e triste. — *Ajuda-me*, gritas pelo buraco. *Por favor, Georgia, ajuda-me*.

— Eu nunca te pediria ajuda. E o tom da minha voz não é assim.

— Pedirias, porque estarias esfomeado, com sede e cheio de medo. Tem cem metros de profundidade, e há cobras no fundo.

— É isso que desejas no teu aniversário? É um bocado ridículo, não achas?

— Sabes o que mais peço? Que finalmente te reformes. — O olhar dela percorre-me, catalogando cada lesão, cada parafuso e cada placa de aço no meu corpo, depois de dezassete anos na NHL. — E que nunca mais tenha de te ver.

As palavras dela atingem-me no estômago como uma flecha. Consigo controlar a minha dieta com precisão, consigo fazer tudo para recuperar e jogar no meu melhor, mas não consigo parar o tempo. A minha reforma iminente é a sombra que não consigo afastar.

Onde raio está o elevador? Olho para o número acima das portas.

— Faz o que fazes melhor, doutora, e torna as compras o teu trabalho a tempo inteiro, para que possamos contratar um médico a sério.

Ela não diz uma palavra, mas consigo sentir a irritação. Em cheio.

— Sacana — murmura.

Ela não está errada. Um compasso de silêncio alonga-se entre nós antes de as portas do elevador abrirem e entrarmos.

— Deve ser sexta-feira — digo para as portas enquanto o elevador sobe.

— Desculpa?

— É sexta-feira. Como é que sei isso?

— Oh, meu Deus. — Ela suspira falsamente espantada. — *Sabes ler*. Ao fim de todo este tempo, não tínhamos a certeza.

Os meus instintos competitivos despertam.

— A gozar com as minhas origens imigrantes? Isso é um golpe baixo, doutora, até mesmo para ti.

Ela olha-me com dureza.

— Não foi isso que quis dizer.

Os meus pais fugiram da Rússia quando eu era miúdo, e fartaram-se de trabalhar para pagar o hóquei.

— Nem todos podemos pagar escolas privadas.

As nossas origens não poderiam ser mais diferentes. *Nós* não poderíamos ser mais diferentes.

A cara dela fica num tom de rosa que faz o meu relógio disparar novamente. Silêncio-o, sentindo-me vitorioso. Ela vai dizer qualquer coisa quando eu a interrompo.

— Violetas. Todas as sextas-feiras usas o perfume que cheira a violetas. — Levei meses a identificar esse detalhe. Só identifiquei porque estava a ir buscar uma coisa à florista da minha mãe e esse aroma fez-me parar.

Ela pestaneja para mim, chocada. Aposto que detesta que eu saiba isto sobre ela. Aposto que detesta que eu a tenha topado.

— É esse que usas quando sais para tentar agarrar um marido rico, não é?

Ela endireita-se, ganhando mais alguma altura, mas ainda assim tem quase menos vinte centímetros do que eu. Nas profundezas do meu cérebro primitivo, gosto de ser muito alto. De saltos, ela é alta, mas eu sou mais alto. Tenho o dobro do peso dela. Não seria um problema carregá-la no meu ombro.

— Não seas tão obcecado, Volkov. — Ela vira-se novamente para o telemóvel.

O meu olhar desce até aos sapatos dela. Altos e pontiagudos, desenhados para castrar as suas vítimas com um pontapé certo nos tomates. Demasiado altos, com umas estúpidas presilhas minúsculas que parece que vão rebentar a qualquer momento. Tão estupidamente pouco práticos. Médicas a sério não usam sapatos como aqueles. As solas são vermelhas, lembro-me, por ela os ter usados para um evento no ano passado. Da mesma cor com que os seus olhos provavelmente ficam quando ela não consegue o que quer.

Nos meus pesadelos, os sapatos dela são altos como prédios, assombrando-me com os seus sons ritmados quando caminha de um lado para o outro no corredor. Tão pouco profissional. É suposto os médicos usarem *Crocs* feios, e não sapatos de salto alto sensuais que gritam *sexo*.

Detesto-os, e detesto o quanto penso neles.

— Vais desligar isso? — Aponta com o olhar para o meu pulso.

Raios partam. O meu relógio disparou outra vez. Silêncio-o, respirando lenta e profundamente. O programa ajuda-me a manter o meu ritmo cardíaco baixo quando é suposto estar a descansar para ajudar na recuperação e no desempenho, mas hoje está a passar-se.

— São Christian Louboutin — acrescenta com um sorriso irónico —, no caso de queres comprar um par para te vires neles à noite.

O meu lábio curva-se.

— Eu não me venho com os teus sapatos — resmungo. — Pode ser

difícil para ti perceberes, doutora, mas algumas pessoas não se sentem atraídas por ti.

Deixo o meu olhar descer pelo corpo dela, detendo-me na linha longa do seu pescoço, a pele lisa acima do colarinho da sua camisa de seda, a reentrância da cintura e a curva das suas ancas.

Não a detesto por ser tão parecida com a minha ex, Emma — carismática, amigável, confiante, linda —, e não a odeio por ela saber exatamente o quanto sensual é. E nem sequer odeio a doutora pelas origens de riqueza e privilégios.

Odeio-a porque ela não acredita em mim.

Há dois anos, tive uma consulta com ela em que ela passou as mãos pelo meu corpo todo, por todas as lesões que fui acumulando, antes de ter tido um traumatismo craniano durante um jogo e ter acordado no hospital.

— *Vais transferir-me para outro médico?* — perguntei-lhe no dia seguinte a ter tido alta.

Não me olhou nos olhos.

— *Não sou a médica certa para ti.*

— *Dou-te muito trabalho? Vou fazer-te cortar no teu tempo para compras, é?*

Aqueles olhos cor de uísque brilharam de irritação.

— *Estás preso com parafusos e fita de cinesioterapia, Volkov. Referenciei-te para a reforma. Não vou investir tempo numa causa perdida.*

Uma consulta. Foi tudo o que foi preciso para que ela desistisse de mim.

Finalmente, o elevador chega ao piso no topo do estádio, onde são os escritórios. Após um som de aviso, as portas deslizam e abrem.

— Tem um ótimo dia, Volkov. Não partas mais nenhuns dentes hoje à noite.

Ela desliza em passadas largas para fora do elevador e segue pelo corredor em direção ao seu escritório, com a cabeça erguida, usando aquelas calças como se tivessem sido desenhadas para ela.

— Tenho os dentes todos — respondo atrás dela.

Odeio-a, mas a doutora tem um ótimo rabo. O meu relógio dispara novamente.

— Tudo bem, Volkov?

O selecionador Tate Ward está de pé junto da secretária da receção, a observar-me a observar a doutora, com uma expressão curiosa e divertida.

— Tudo ótimo. — Silêncio o maldito relógio estúpido. Provavelmente está avariado. — Querias falar comigo?

— Isso mesmo. — Aponta o queixo para o seu escritório do outro lado do corredor. — Vamos.

Capítulo 2

Alexei

Sigo o Ward até ao seu escritório e sento-me numa das cadeiras do clube em frente à sua secretária, diante dele.

— O que achas do Luca Walker? — pergunta.

O novato de vinte e dois anos que se preocupa mais em divertir-se, ir a festas, e andar atrás de raparigas do que em jogar na NHL? É um miúdo convencido que precisa de um choque de realidade. Quando o meu último parceiro defensivo, Hayden Owens, passou para avançado no final da época passada, o Ward recrutou o Walker como jogador sem agente e emparelhou-nos.

— É novo.

Ninguém me faz sentir a idade que tenho mais do que o Walker, cara de bebé, olhos brilhantes e cheio de otimismo. O miúdo é um raio de sol, fresco como uma margarida na primavera.

O Ward espera, observando.

— Inexperiente — acrescento.

Mais daquele contacto visual paciente. O ex-jogador que se tornou treinador é apenas uns anos mais velho do que eu mas tem esta desconcertante calma e sabedoria que o faz parecer décadas mais velho.

— Terá de trabalhar muito este ano se quiser jogar a este nível. — Por cada tipo na Liga, há dez que esperam a sua vez. Uma asneira e acabou, mandam-no embora. — E não acho que ele seja talhado para jogar comigo.

As sobrancelhas escuras do Ward levantam-se.

— A sério?

— Os novatos não jogam nos pares da primeira linha de defesa. Começam nos pares da terceira linha e vão avançando.

As equipas de hóquei têm três pares defensivos. O primeiro é para os

jogadores de topo, como eu, não para os tipos que ainda estão a ajustar-se a uma nova equipa, ao jogarem num novo nível.

O Ward sabe disto. Costumávamos jogar um contra o outro quando ele estava na NHL há uns anos, quando eu estava no Montreal e ele era dos Storm aqui em Vancouver. Ascendeu desde que foi selecionado na primeira ronda com um contrato anual recorde a marcador de topo na Liga. O tipo ganhou o troféu Hart para Jogador Mais Valioso¹ do ano por oito anos seguidos até que uma lesão no joelho acabou com a sua carreira. Desapareceu por alguns anos até ter ressurgido, treinando o hóquei feminino da universidade local, e foi contratado como treinador principal dos Vancouver Storm há dois anos.

— A minha filosofia é de que trabalhar com pessoas melhores do que tu é a melhor maneira de melhorar. — O Ward recosta-se na cadeira, cruzando as mãos sobre o estômago. — O que achas disso?

Esfrego a nuca.

— O treinador és tu.

— Mas quero saber o que pensas.

Não quero fazer isto. Qualquer momento em que não esteja num jogo, a praticar ou a treinar é passado a recuperar das múltiplas lesões que acumulei ao longo dos anos.

Além disso, ninguém me mostrou o caminho. Ninguém me orientou. Tive de descobrir tudo sozinho.

— Não tenho tempo para fazer de *baby-sitter*.

A boca do Ward retorce-se num sorriso irónico.

— Gostaria mesmo que arranjasses tempo. Quero que ensines o Luca Walker e que o tornes no jogador que os Storm precisam.

O que é que vou dizer, que não? Não funciona desta forma. O Ward é um bom tipo, provavelmente o melhor tipo que alguma vez se sentou neste gabinete na história da organização dos Storm, mas não estou interessado em provocar a sua ira se ignorar uma ordem direta.

Ele poderia indemnizar-me pelas épocas que restam no meu contrato e forçar-me a reformar-me, se quisesse. Poderia trocar-me com um desconto para dar o lugar a um tipo mais novo.

Aceno-lhe firmemente com a cabeça.

— *Okay*. Eu faço isso.

Pelas mudanças que ele fez nas últimas temporadas, suspeito que tem um plano maior para esta equipa.

¹ Referência a MVP, *Most Valuable Player*, prémio atribuído ao melhor jogador de uma competição. (N. de T.)

O Jamie Streicher, um dos melhores guarda-redes da Liga, nas redes; o Rory Miller, o marcador no topo da Liga, como avançado central, e agora capitão; o Hayden Owens, transferido de defesa para avançado, surpreendendo toda a gente com o salto em pontos na tabela.

E agora está com os olhos no novato, Luca Walker. Se há algo que eu adoro, é a equipa, e raios me partam se me interpusesse no caminho da nossa corrida para a Taça.

Suspiro com frustração.

— Porque é que não és um sacana como o último tipo no teu lugar? — O último treinador dos Storm era terrível. Com a cara vermelha, zangado, sempre a berrar connosco. Reprendendo-nos por cada erro, cada derrota.

O Ward solta uma pequena gargalhada.

— Obrigado, Alexei. — Faz-me um aceno de cabeça aprovador. — Fico grato.

— Não me agradeças ainda. — Dirijo-me para a porta.

— Uma última coisa. — Franze a cara para o computador, abrindo algo. — Há um problema com a tua candidatura à cidadania.

— Outra vez? — O meu estômago afunda-se. Este pesadelo não acaba. O Ward lança-me um olhar estranho e a preocupação aperta-me o peito. — Isto tem estado a acontecer há anos.

— Pergunto-me porque não tens ainda a cidadania.

A minha família imigrou da Rússia para o Canadá quando eu tinha oito anos.

— Tínhamos vistos e autorizações de residência permanente, mas quando integrei a NHL e nos candidatámos à cidadania, foi tudo por água abaixo.

Anos de problemas que se arrastam sobre nomes mal escritos, perda de candidaturas, rejeições por razão nenhuma e pedidos de recandidatura. Dor de cabeça atrás de dor de cabeça.

Se pudesse simplesmente pagar, fá-lo-ia — sabe Deus que tenho mais do que o suficiente, sendo um dos jogadores mais bem pagos na Liga —, mas o governo canadiano não funciona dessa forma.

— O departamento jurídico da equipa está a tratar disso agora. — O Ward faz-me um sorriso tranquilizador. — Eles sabem o que estão a fazer.

— Disseram quanto tempo demoraria?

— Habitualmente, um ano para iniciar o processo, entrevistas e aceitação final. Mas pode levar até três anos.

Não sei se tenho tanto tempo. A realidade que raramente admito é que

basta uma lesão grave e estou arrumado. Aconteceu isso ao Ward. Pode acontecer-me a mim.

— E para o teu tipo de visto — acrescenta o Ward —, terás de estar na equipa ou ter cidadania para ficares no país.

Alarmes ressoam dentro de mim. Não estou interessado em voltar para a Rússia. Não voltei lá desde que viemos. Não posso decididamente deixar que os meus pais sejam mandados de volta. Eles eram abertamente contra o governo — foi por isso que saímos de lá — e fugiram do país quando foram emitidos mandados para a sua prisão. Não é seguro regressarem.

Quando eu era miúdo, trabalharam arduamente para me manter no hóquei, um desporto caro. Fizeram tudo o que puderam para me proporcionar uma vida melhor no Canadá.

Tenho de resolver isto. Esta é a nossa terra. As nossas vidas estão aqui.

Através das paredes de vidro do gabinete do Ward, um cabelo vermelho-escuro chama a minha atenção, e observo a doutora em passadas largas pelo corredor naqueles sapatos de salto alto irritantes. As minhas narinas dilatam quando ela me sorri com ironia.

Ninguém me irrita tanto como ela.

Quando passa pela porta aberta do gabinete do Ward, dirige a sua atenção para o Ward e o seu sorriso torna-se genuíno.

— Olá, Tate.

O Ward acena-lhe com a cabeça amigavelmente.

— Doutora Greene.

Uma dor pulsa no meu peito, ao pensar no que lhe disse há dois anos, depois de descobrir que ela me tinha transferido. Depois de descobrir que ela não acreditava em mim.

Nem pensar que me vou deixar tratar por alguém que comprou a entrada para a Faculdade de Medicina com o dinheiro do papá. Tu és claramente incompetente.

No entanto, a mágoa nos olhos dela não me soube tão bem como eu queria.

Disseste isso ao Ward?, perguntou.

Sim, menti. Disse-lhe que eras incompetente.

Ela desaparece ao virar da esquina, e apercebo-me de que o Ward me observa com um brilho nos olhos.

— É pena que não estejas casado com uma canadiana.

— Casado? — Depois da Emma, nunca na vida me casaria.

Ele olha pela janela.

— Isso aceleraria realmente o processo de candidatura.

Um longo compasso de silêncio prolonga-se entre nós.

— Estás a dizer que me deveria casar com uma canadiana para obter a cidadania?

O meu primeiro pensamento vai para a médica antes de o enxotar rapidamente. Detesto que ela apareça nos meus pensamentos imprevisivelmente.

Ele recosta-se, observando-me daquela sua forma firme e calma.

— Não disse isso. Nunca te diria para fazeres algo ilegal. — Encolhe os ombros. — Vai correr tudo bem. Ainda tens três anos de contrato. Nessa altura já terão isso resolvido.

Fico nauseado. Não sei se tenho mais três anos com a equipa, e pela forma como as coisas se têm arrastado com a minha candidatura à cidadania, não posso dar-me ao luxo de esperar tanto tempo.

Despeço-me do Ward e dirijo-me para o carro, consciente de cada parafuso e placa no meu corpo. De cada lesão que não curei bem porque joguei durante a recuperação. No gelo, uso o meu corpo como uma arma, jogando hóquei brutal e físico.

Uma lesão poderia acabar com tudo e mandar-me a mim e à minha família de volta para a Rússia.

O Ward tem razão. Preciso de me casar, e tem de ser rápido.

Capítulo 3

Georgia

Nessa tarde, estou sentada no meu gabinete no hospital, semicerando o olhar para fora da janela para observar o cartaz gigante pendurado no recinto de hóquei próximo — uma imagem de seis metros do Alexei Volkov com o seu uniforme dos Storm.

O meu gabinete no recinto tem vista para o *placard* dos Storm com a mesma imagem. O universo está a rir-se de mim.

Levanto ambos os meus dedos do meio para o cartaz. Que desperdício de maxilar definido, nariz forte e cabelo grosso e escuro, apenas longo o suficiente para encaracolar na parte de trás do pescoço. Longo o suficiente para enrolar os dedos nele e dar-lhe um bom puxão.

Que injustiça o universo ter-lhe dado, a *ele*, aquele par de ombros largos e esculpidos, que o tenha feito a *ele* com a altura de uma torre.

Até a voz dele é um desperdício, com aquele timbre baixo e rouco, livre do sotaque russo mas com consoantes ligeiramente entrecortadas.

O Volkov é atraente de uma forma assustadora, disse uma vez a minha amiga Darcy.

Olhos escuros e sem alma, orlados com pestanas espessas. Olheiras perpétuas que são provavelmente hereditárias, mas gosto de sonhar que as nossas discussões o mantêm acordado à noite, frustrado e incapaz de dormir.

É atraente como os maus rapazes são. O tipo de atração que não deverias querer, mas queres.

Quero dizer, *eu* não quero. Algumas pessoas querem. O Volkov é de longe demasiado parvo para o meu gosto.

Torna as compras o teu trabalho a tempo inteiro, para que possamos arranjar um médico a sério, disse ele. É a primeira vez que o vejo desde a viagem

ao Havai a que os nossos amigos nos obrigaram a ir este verão. Uma semana inteira a ignorarmo-nos mutuamente, não olhando sequer um para o outro.

— Dois minutos.

Salto de susto. A Dr.^a Heather Joshi, a diretora do programa de recuperação de atletas aqui no hospital, encosta-se na ombreira da minha porta com um sorriso entendedor.

— Foi o tempo que estiveste a olhar para ele.

A minha cara arde.

— Estava a *fulminá-lo*. Porque é um parvalhão.

Ela senta-se na cadeira à minha frente, acenando a cabeça sabiamente.

— Mmm. Sim. Certo.

— Eu odeio-o. — Ela sabe disso.

Ela bate com uma unha bem arranjada no queixo.

— Mhm. E é por isso que o deixas pensar que tu és uma princesinha mimada?

A Heather conhece-me desde que parti o tornozelo quando era adolescente e ela era a médica que acompanhava a minha recuperação e reabilitação. A sua paixão, entusiasmo e dedicação ao trabalho mostrou-me que a recuperação de lesões em atletas é a minha paixão e propósito, e o estilo impecável dela mostrou-me que se pode ser excelente no trabalho e ter um aspeto incrível ao desempenhá-lo.

O programa de recuperação de lesões em atletas que elaborámos juntas é uma das minhas coisas favoritas no mundo, a par com vestidos brilhantes, os meus dois coelhinhos de estimação e sapatos de salto alto que me fazem sentir poderosa e *sexy*.

Lanço um olhar para os sapatos de salto alto dela.

— Novos?

— Não tentes distrair-me.

— Sim, eu deixo ele acreditar nas suposições dele. E depois? Ele não tem o privilégio de me conhecer.

Apesar do que o Volkov pensa, não cresci num meio endinheirado. Cresci com pais adolescentes a safarem-se. Sim, o meu apelido é Greene, e, sim, são esses Greene, mas o meu avô abastado e poderoso cortou relações com o meu pai quando a minha mãe engravidou aos dezassete anos. Frequentei a escola pública, trabalhei que me fartei para obter bolsas para a universidade, jogando na equipa de futebol feminina da Universidade de British Columbia, e depois trabalhei ainda mais arduamente na Faculdade de Medicina. Tudo o que alcancei, fiz por isso.

No entanto, tenho uma sensação doentia de satisfação em deixá-lo acreditar no pior de mim.

Nem todos podemos pagar escolas privadas.

Meu Deus, o Volkov é tão idiota. Tão controlador e arrogante — como o meu ex, Liam. Como tantos homens na medicina. Como o meu avô, que me deixou uma herança quando morreu, há uns anos, mas com a condição de que preciso de estar casada para a receber.

Não vou *tocar* nesse dinheiro. Não preciso dele, e adoro a ideia de que ele está a olhar-me zangado do Inferno, furioso por não poder controlar-me.

Além disso, depois da forma como o Liam me manipulou, eu nunca me casaria. É demasiado fácil para os homens usarem o casamento para controlarem as mulheres.

Volto a focar a minha atenção na Heather. Debaixo da sua bata, usa um vestido de bom corte num fúcsia vibrante, a sua cor favorita. Combina com o seu batom, num contraste espantoso com a pele morena.

— Essa é a tua cor — digo, como digo sempre que ela a usa.

Ela sorri para si mesma.

— Eu sei. — A expressão dela fica mais séria. — Reuni com a direção do hospital hoje de manhã, e tenho más notícias.

Ai, ai. É a frase de aviso. Eles ensinam-nos isto na Faculdade de Medicina quando aprendemos como dizer à família do paciente que o seu ente querido faleceu.

— O programa não obteve a próxima tranche de financiamento — diz ela.

Paro de respirar. Na investigação, o financiamento é tudo. Paga os nossos salários, os espaços de laboratório e gabinetes, equipamento, tudo.

Uma perda de financiamento é uma sentença de morte. Sinto-me enjoada.

— Então estamos feitas.

Ela faz-me um sorriso triste.

— A partir de maio, sim, o programa acaba.

— No entanto, temos até maio.

Ela abana a cabeça com uma expressão compreensiva. *Não, o seu ente querido não vai voltar.*

— Se não tivermos financiamento até janeiro, o hospital vai atribuir o espaço a alguém que tenha. — Ela suspira, e consigo ver que está a tentar ser forte por mim, mas que continua muito irritada. — O que importa é o dinheiro — diz, com um toque de amargura.

Estou em choque, com a cabeça às voltas com perguntas e emoções. O programa já acompanha duzentos atletas. O nosso trabalho é pioneiro. Estamos a encontrar métodos para recuperação de lesões que se tornarão a norma no desporto, e ajudarão atletas em todo o mundo.

Além disso, os cuidados de saúde são de financiamento público no Canadá. Muitos dos nossos participantes não conseguiriam pagar este nível de tratamento de outra forma.

— Mas nós... estava tudo a correr tão bem. A nossa última publicação...

— Eu sei. Estamos a fazer um trabalho incrível. — Ela respira profundamente. — As boas notícias são que ambas temos longas carreiras. Muitas clínicas privadas precisam de especialistas.

No entanto, não quero trabalhar numa clínica privada que só serve pessoas abastadas.

— E tens os Storm — acrescenta.

Admito, aceitei o emprego na equipa médica dos Storm porque isso daria credibilidade ao programa de investigação, e ao meu currículo como especialista em recuperação de atletas.

Também ajudou que o Liam, agora cirurgião ortopédico em Toronto, fosse um grande fanático por hóquei. Um emprego com uma equipa de hóquei teria sido o seu sonho. Foi uma boa sensação, ficar com o seu emprego de sonho, quando ele nunca acreditou em mim desde o princípio.

Acabei por adorar o trabalho, no entanto. Adoro trabalhar com atletas, mantê-los saudáveis e supervisionar a recuperação deles para que eles possam fazer o *seu* trabalho de sonho.

Exceto o Volkov. Esse pode ir para o inferno por ter dito ao Ward que eu era uma incompetente. Que se lixe aquele tipo.

Sou percorrida por motivação.

— Não estou pronta para desistir — digo à Heather. — Portanto, angariamos fundos. O evento de beneficência está quase a chegar. Podemos envolver os *media*. Não preciso de um ordenado...

— Georgia. — Ela pousa a mão dela na minha. — Precisamos de dez milhões de dólares. O evento traz-nos uns duzentos mil, no máximo. — Ela faz aquele sorriso triste de derrota. — Está tudo bem. Em investigação é assim que as coisas funcionam.

Como uma lâmpada que se acende, lembro-me da minha herança — de dez milhões de dólares.

Não. Nem pensar. O casamento está concebido para beneficiar os homens, não as mulheres. Quantas mulheres é que já vi na medicina que se

casam e depois se anulam para cuidar da casa e criar os filhos enquanto os maridos sobem cada vez mais nas suas carreiras?

Há anos, quando soube que o Liam, o meu agora ex, tinha cancelado a minha matrícula na Faculdade de Medicina, ele pediu-me em casamento. *Se ficares aqui em Toronto*, disse, *podemos casar-nos*. Sem romantismo, sem declaração de amor. Da forma como ficou mal-humorado e irritável quando partilhei as minhas vitórias académicas, suspeito que ele se sentiu ameaçado, mas eu estava tão estupidamente embriagada de amor, e desesperada pela aprovação dele que disse que sim. Durante uma semana, considerei desistir dos meus sonhos para que pudesse ser basicamente a sua assistente não remunerada, a frequentar eventos de braço dado com ele, calada e invisível na retaguarda.

Agradeço ao universo todos os dias por não me ter casado com aquele tipo. Homens como ele não querem uma mulher que seja capaz de ser ela própria. Querem sentir-se como o rei, o líder.

Vou conseguir o dinheiro para o programa, mas tenho a certeza absoluta de que não me vou casar.

No início dessa noite, antes de voltar ao estádio para o jogo de abertura dos Storm, atravesso o campo de futebol a passos largos vestindo umas *leggings* e um corta-vento, e calçando uns ténis estilosos — porque não é preciso usar sapatos de salto alto para estar atraente —, levando uma caixa grande que sei que vai fazer as miúdas guincharem de alegria.

A minha parte absolutamente favorita do programa de recuperação de atletas? As Vancouver Devils, uma equipa de adolescentes incríveis, hilariantes e cheias de garra.

— Isso é o que pensamos? — pergunta uma das raparigas do grupo, entre conversas e gargalhadas.

Lanço-lhes um sorriso radioso.

— Já sabem.

Sou a Dr.^a Greene no trabalho, mas aqui no treino de futebol, sou a treinadora Georgia. Tecnicamente continuo a ser a médica delas, mas o objetivo da equipa é que os atletas em recuperação mantenham um ambiente de equipa adequado às suas capacidades.

Estar integrado numa equipa traz benefícios incríveis — apoio, amizade, estrutura, permanecerem ativos, competitivos e felizes —, mas quando os jogadores regressam às suas equipas habituais, frequentemente voltam a

lesionar-se porque estão a competir com jogadores não lesionados. E esforçam-se demasiado. Os jogadores que não fazem nada atrasam-se na sua fisioterapia e frequentemente passam por depressões, porque quando o desporto deles é tudo para eles, perdê-lo pode deixar um buraco por preencher nas suas vidas.

Por isso, criei equipas desportivas com os participantes do programa. Eu dirijo a equipa de futebol feminino das adolescentes, e alguns dos meus colegas médicos dirigem outras equipas.

Pouso a caixa no chão e faço-lhes um sorriso maroto.

— Estão prontas para ver os vossos novos equipamentos?

Elas aplaudem. Eu sorrio e tiro uma camisola preta e vermelha.

— Cores poderosas! — Tasha, uma rapariga de dezassete anos a recuperar de um rompimento no ligamento cruzado anterior, agita os punhos no ar, fazendo-me rir. — Vamos ficar tão giras.

— Cores poderosas — confirmo.

Não fazemos jogos normais; as raparigas apenas fazem jogos amigáveis todas as semanas, mas vestirem-se apropriadamente e sentirem-se bem é importante. O que vestimos pode aumentar a nossa autoconfiança quando dela precisamos.

— Quando vestirem estas camisolas, quero que se lembrem de que são umas cabras poderosas.

Algumas delas rugem e eu rio-me. Leio em voz alta o nome de cada uma nas costas das camisolas e lanço-as individualmente para cada jogadora sorridente. Penso que não será suposto dizer a palavra *cabra* perto delas, mas que se lixe. Elas andam no secundário, já devem ter ouvido muito pior.

— Quero que se lembrem de que, com trabalho árduo e paixão, podem fazer o que quiserem.

Mais aplausos. Atiro outra camisola.

— Vocês têm garra, vocês são incansáveis, são espertas e destemidas, e ninguém pode impedir-vos de fazerem o que adoram.

Aplaudem outra vez, e uma vez as camisolas vestidas, aquecemos e fazemos os exercícios de fisioterapia antes do jogo amigável. Com as suas camisolas novas a estrear, as miúdas querem jogar a sério, mas eu encorajo-as a abrandarem, irem com calma e focarem-se nas suas capacidades técnicas.

É por *isto* que o programa é importante. Muitas destas raparigas estavam bem encaminhadas para jogar por universidades em todo o mundo com bolas integrais. Algumas poderiam tornar-se profissionais. Ainda poderão ter essas coisas, com a recuperação e atenção adequadas.

Se o programa for interrompido, as Vancouver Devils também o serão. A motivação apodera-se de mim. Nem pensar que vou deixar que isso aconteça. Vou arranjar maneira de salvar o programa.

Capítulo 4

Alexei

Antes do jogo dessa noite, espero no corredor de acesso ao rink com os outros jogadores, patinando para trás e para a frente para me manter aquecido. A energia vibra através do edifício, com os fãs a fazerem barulho quando as luzes se apagam e a música começa.

Os outros jogadores falam em voz baixa, alguns olham para o chão, profundamente concentrados e com a cabeça já no jogo, e outros mantendo-se aquecidos como eu.

Deveria estar focado no jogo e no que treinamos hoje de manhã, mas, em vez disso, estou a pensar no meu problema com a cidadania.

— *Nação Vancouver Storm* — anunciam nos altifalantes —, *bem-vindos ao jogo de abertura da temporada!*

A multidão vibra, ansiosa por começar. Os adeptos têm estado à espera disto desde o fim da época passada, quando fomos eliminados na terceira ronda de eliminatórias, o mais longe que esta equipa chegou nas eliminatórias da Taça Stanley em quase uma década.

À minha frente, o Hayden Owens, meu antigo parceiro defensivo, faz-me o seu habitual sorriso radioso.

— Admite, Volkov. É bom estar de volta.

Emito um sussurro de concordância. Estar de volta é *tudo*. Com oitenta e dois jogos na época normal, o nosso calendário é desgastante e apertado — mas eu passei o verão inteiro aborrecido e desejoso de jogar com a minha equipa novamente.

Fisicamente, sinto-me bem esta noite. O ombro não me dói. O meu ligamento cruzado anterior parece *okay*. Tenho seguido uma dieta

anti-inflamatória rigorosa, treinado arduamente, descansado muito, e feito tudo o que posso para jogar no meu melhor esta época.

Mentalmente, voltei ao gabinete do Ward. Neste jogo, tudo pode acabar num piscar de olhos. Preciso de fazer alguma coisa, rápido.

No recinto, o apresentador enumera os elementos da equipa, os treinadores e os fisioterapeutas.

— *Hazel Hartley* — anuncia, e Rory Miller, o capitão dos Storm, põe as mãos em concha em redor da boca.

— É a minha miúda! — grita para o fim do corredor na direção do ringue. A sua noiva, Hazel, é uma fisioterapeuta dos Storm, provavelmente está de pé na bancada com o resto da equipa técnica. Perante o meu olhar reprovador, o Miller sorri, de orelha a orelha, batendo no peito perto do coração. — Não importa que ela não me consiga ouvir. Ela consegue sentir o meu apoio.

— *Darcy Andersen* — diz o apresentador, enumerando agora os analistas da equipa, e o Owens bate palmas com as luvas entusiasticamente.

— ‘Bora, Darce — grita. — Apanha-os, leoa!

— Meu Deus. — Estes tipos e os seus relacionamentos. — Controlem-se. O Miller dá uma cotovelada ao Owens.

— Estás pronto para lançar a pergunta?

Depois do treino desta manhã, o Owens mostrou-nos o anel de noivado que mandou fazer para a Darcy. Os dois foram melhores amigos durante anos até à época passada, altura em que ela convenceu o Owens a ser o seu braço-direito quando ela recomeçou a sair para encontros românticos.

Não durou muito tempo.

O Owens sorri.

— Ainda não. Estou a gostar demasiado de a baralhar. Mas será em breve.

Penso mais uma vez no que disse o Ward. *É pena que não estejas casado com uma canadiana.*

O apresentador anuncia os elementos da equipa médica, e eu olho fixamente para o chão, mentalizando-me para o jogo.

— *Dr.^a Georgia Greene.*

O meu pescoço retesa-se.

— Não vais aplaudir a tua namorada? — pergunta o Miller com um sorriso inocente, os olhos a brilharem maliciosamente.

Eles sabem que nós não nos damos bem. Mas não sabem porquê.

Finalmente, anunciam os jogadores. A multidão fica em êxtase quando o Miller, o Owens e o nosso guarda-redes, Streicher, entram no ringue.

— *De Winnipeg, Manitoba, Luca Walker!* — A multidão aplaude novamente para o nosso novato, desta vez num tom mais alto, e o Walker lança-nos aquele sorriso convencido nauseante por cima do ombro ao entrar no rink, acenando. O Walker já está a atrair as atenções do público feminino.

— *De Vancouver, BC, Canadá, o nosso conterrâneo três vezes vencedor do troféu Norris.* — A multidão começa a clamar mais alto, e eu patino para dentro da pista de gelo. — *Alexei Volkov.*

O ruído no recinto é ensurdecedor, e eu dou uma volta ao rink, acenando com a cabeça para os fãs, apercebendo-me daquela familiar sensação de adrenalina a acelerar dentro de mim. Algo que adoro nos adeptos do Vancouver é que eles não se importam onde nasceste — se jogaste hóquei em alguma altura aqui, és daqui. No entanto, estarão a clamar por essa razão, ou porque acham que esta vai ser a minha última época?

Não vai ser. Sou demasiado teimoso para desistir. Podem arrastar-me para a reforma dentro de um caixão.

Faço uma volta em redor da pista, os fãs clamam, os holofotes seguem-me, e a energia no recinto vibra. Não há nada como isto. Jogar na NHL tem sido o meu sonho desde que nos mudámos para o Canadá. Não desisto disto por nada. Não consigo evitar olhar de relance para a médica na bancada quando passo diante dela, e os nossos olhares cruzam-se antes de eu desviar rapidamente os olhos.

Os jogadores tomam os seus lugares para o hino, o Walker ao meu lado, suportando o peso do corpo numa e noutra perna, olhando em redor do recinto com os olhos arregalados como uma criança no Natal. Ele juntou-se à equipa a meio da época no ano passado, pelo que este é o seu primeiro jogo de abertura.

— Alguma vez deixa de entusiasmar? — pergunta o Walker.

Olho em redor do estádio, absorvendo os clamores dos adeptos, a música que toca, as luzes azuis que viajam sobre os fãs. O mar de camisolas dos Storm. Os fãs que querem que vençamos mais do que nós próprios.

Aqui, na pista, sou parte de algo maior. Tem significado.

— Não — digo-lhe, quando a música acaba. — Nunca deixa de entusiasmar.

A meio do jogo, o defesa da outra equipa passa uma rasteira ao Miller por trás, derrubando-o para a frente para cima do guarda-redes. Endireito-me ao ser percorrido por um marcante instinto protetor. É um golpe sujo e

merecedor de penáلتi, e os fãs começam imediatamente a protestar, com um murmúrio grave de desaprovaçáo e revolta pairando no recinto. Batem no vidro, furiosos.

O apito ressoa, mas em vez de o árbitro marcar penalidade para a outra equipa, o Miller é que leva uma penalidade por interferência com o guarda-redes.

Os protestos dos adeptos intensificam-se enquanto o Miller desliza até à cabine de penalidades.

— A sério? — grita para o árbitro, em choque.

Os jogadores dos Storm no gelo olham para mim, mas eu estou a olhar para o jogador que rasteirou o Miller. Ele fita-me.

Ele sabe como isto funciona. Sou o defesa principal dos Storm. Sou o maior tipo na pista e o lutador mais forte e agressivo.

E agora o meu trabalho é igualar o marcador e mostrar à outra equipa que não podem fazer merdas destas sem consequências.

Dois minutos mais tarde, há uma luta pelo disco em frente à baliza, o apito ressoa, e tenho a minha oportunidade. Agarro na camisola do tipo que rasteirou o Miller, e ele derruba-me.

Sei o que estou a fazer no gelo? Sim. O meu contrato com um valor recorde para um jogador de trinta e seis anos prova-o.

Posso defender a minha equipa e proteger os meus rapazes? Sim. Os meus instintos protetores estão desejosos por igualar o marcador e mostrar-lhes que eles não podem gozar connosco.

Vou ganhar esta luta? Sim, também. A adrenalina percorre-me, aguçando os meus sentidos, e o meu ritmo cardíaco dispara.

E, no entanto, estou tão cansado desta merda. Esta é a parte a que diria adeus num piscar de olhos. Levanto o olhar para a cabine do dono do clube, aberta a amigos, família e pessoal da equipa durante os jogos em casa. Será que ela ainda está ali? Ainda estará a ver?

Desvio os olhos para o gelo. Não quero saber dela, e decididamente não quero saber se ela está a ver, ou não.

Rodeando o outro jogador, com o coração a bater fortemente e a adrenalina a acelerar nas minhas veias, os adeptos gritam em sinal de aprovação quando atiro as luvas ao gelo.

Capítulo 5

Georgia

Uma semana mais tarde, entro no Filthy Flamingo, um bar reles enfiado no bairro de Gastown, e sento-me ao balcão diante de Jordan — minha amiga, minha colega de apartamento desde os tempos da universidade e dona do bar.

O bar estreito, revestido a madeira, tem pósteres de bandas *vintage* emoldurados nas paredes; bonitas luzes suaves espalhadas pelo teto; e uma centena de *Polaroids* afixadas atrás das garrafas de bebida. Há uma de mim a dar um grande beijo na cara da Jordan, com ela a rir. Aquela faz-me sempre sorrir.

Alguns jogadores dos Storm já estão sentados a uma mesa lá para trás. A Jordan detesta hóquei, mas este bar calmo é o único sítio onde podem vir sem serem incomodados por adeptos fanáticos. Normalmente evito o bar nas noites de jogo, quando é certo que a equipa vem aqui quando o jogo termina. Não é para evitar conflitos de interesse, porque não sou eu que trato dos jogadores de quem sou amiga, como o Hayden Owens, mas detesto cruzar-me com o Volkov.

— Preciso de me casar — digo-lhe, deixando-me cair num banco, ao balcão.

Ela serve-me um copo de vinho sem se deter. Ela sabe tudo sobre a herança e sobre o programa vir a perder o financiamento.

Abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu antecipo-me.

— Casa comigo.

— Não. — O canto da sua boca curva-se.

Apesar da aparência delicada de conto de fadas — cabelo longo, escuro e brilhante, olhos cor de esmeralda, pele clara como porcelana e feições graciosas tal como a sua falecida mãe —, ela não se deixa intimidar ou perturbar com nada. Não atura tretas de ninguém, e nada a atinge. É rija como aço.

Estivemos juntas em bons e maus momentos — quando a mãe dela morreu e o pai basicamente a abandonou devido à dor, e ao longo de toda a fase com o Liam. Ao longo de todo o meu curso de Medicina e do mestrado dela em Psicologia do Desporto. Tentei trazê-la como consultora para o programa de investigação, mas ela recusou.

Lanço-lhe um sorriso pedinchão.

— Por favor.

— Não quero mesmo.

— Eu fá-lo-ia por ti. — Fá-lo-ia mesmo. Ela é a única pessoa com quem me casaria. — Seria perfeito. Já vivemos juntas. Só terias de vir comigo a eventos e coisas assim, dizer que eu sou o amor da tua vida, fingir beijar-me, e por aí fora.

Ela levanta uma sobrancelha, divertida.

— Essa coisa de encontros românticos a fingir não é a minha praia.

Faço-lhe um sorriso trocista. Não achei realmente que ela dissesse que sim. Era um pedido ridículo.

— *Okay*, é justo.

Chegam mais jogadores, cumprimentando-nos à medida que passam. Ela mistura bebidas durante alguns minutos antes de pousar o *shaker*, respira fundo e mantém a expressão neutra. As suas unhas escuras tocam no balcão.

— Podias pedir o dinheiro ao meu pai.

Tenho vergonha de dizer, mas já tinha pensado nisso. Sei o que ele diria, assim como a Jordan. A única pessoa em Vancouver que tem mais dinheiro do que o meu avô tinha, e que quereria a única coisa que o dinheiro não pode pagar — tempo com a filha, que não quer ter nada a ver com ele.

Ela fá-lo-ia por mim, também, mas não posso fazer isso à Jordan.

— Não, não. — Aceno com a mão como se estivesse a recusar repetir a dose numa refeição. — Prefiro casar-me.

Ela faz-me um pequeno sorriso, aliviada.

— Consigo lembrar-me de uma dúzia de tipos que se casariam contigo. Vai ter com um deles. Quem era aquele tipo do hospital, o Dr. Charmoso?

— Dr. Handley. — Ele casar-se-ia comigo de certeza, mas depois ficaria apegado, e eu sentir-me-ia mal em partir-lhe o coração. — Não quero esse tipo de casamento. Quero um acordo de negócios.

A Jordan acena com a cabeça.

— Sem sentimentos.

Se alguém me percebe, é ela. Ela também não quer relacionamentos.

— Idealmente que nem gostássemos um do outro.

A porta abre-se e entra o Volkov. A Jordan arregala os olhos para mim com uma pergunta provocadora nos olhos.

Lanço-lhe um olhar seco.

— Até parece.

Dirijo-me à casa de banho, mas, quando regresso, o Volkov está sentado a dois bancos de distância. Ele e a Jordan têm as cabeças próximas e falam em voz baixa. Veem-me e ele interrompe-se. Dirige-me um olhar penetrante.

— O quê? — A Jordan sabe o que eu penso dele, mas eles são amigos, e ela recusa-se a tomar partido.

— O Volkov quer perguntar-te uma coisa.

— Não quero nada. — Ele fulmina-a com o olhar. — Cala-te, Jordan.

Viro-me para ele.

— Não a mandes calar. Este bar é dela. — Volto-me para a Jordan. — O que é?

— O Volkov pediu-me em casamento.

É provável que pareça que levei uma bofetada, com o queixo caído no chão e a pestanejar os meus olhos arregalados.

— Porquê? — Ele tem uma paixão por ela? Nunca me tinha apercebido. Um desconforto evidente revira-me o estômago.

A Jordan ri para si mesma, com malícia faiscando nos olhos.

— Vou deixar-vos a conversar.

Levanto uma mão para a impedir.

— Não...

Tarde de mais. Ela já se afastou, e eu fiquei a sós com o Volkov. Estamos sentados em silêncio, ambos a olhar em frente para as *Polaroids*. Há uma dele algures. Procuro com o olhar — ali. Com a foto do Hayden e do Rory, na época passada.

Não aguento mais isto. Viro-me para ele.

— Porque é que pediste a Jordan em casamento?

O seu olhar frio vira-se para mim, e depois desvia-se.

— Tu primeiro.

Então ela contou-lhe.

— Não é da tua conta.

— Ótimo.

— Ainda bem.

Viro-me novamente para as fotografias. Ele também tem uma herança? Ele não precisa do dinheiro. O tipo está cheio dele. Todos estes

jogadores de hóquei estão, especialmente estrelas como ele. Ele ganha milhões por ano.

— Eu tenho uma herança — digo por algum motivo. — Preciso de me casar para a receber. — Não precisa de saber o resto.

Ele fica calado por um longo momento.

— Eu preciso da cidadania.

As minhas sobrancelhas sobem.

— Mas estás cá há anos.

— Eu sei. — As narinas dilatam. — Não quero aprofundar muito o tema. Tenho um visto para trabalhar enquanto estiver com a equipa.

— Sorte a tua, és o sacana mais teimoso que conheço. — Lanço-lhe um sorriso reluzente. — Vais jogar para lá dos noventa.

A verdade silenciosa paira no ar: o Volkov tem mais três anos de contrato, que provavelmente não será renovado. Ainda é um dos melhores defesas da Liga, mas uma lesão grave pode afastá-lo. Defesas que usam o físico como ele dificilmente jogam por tanto tempo como ele.

Entreolhamo-nos. Oh. Oh, não.

— Não — digo-lhe, abanando a cabeça. — Não. Não, não, não. Nem pensar.

Ele franze a testa.

— Não podes estar a falar a sério — balbucio.

— Estou, sim. — Diz isto como se lhe causasse dor física.

— Volkov. — Junto as palmas das mãos. — Bateste com a cabeça outra vez? — Há dois anos ele esteve no hospital com uma contusão séria por causa de uma cabeçada. — Saltaram-te mais alguns dentes?

Ele esfrega a cana do nariz, fechando os olhos.

— Como já disse a porra de dez mil vezes, tenho os dentes todos.

Olho em volta, para me assegurar de que ninguém nos ouve, e baixo o tom de voz.

— Não me vou casar contigo. Seria um desastre.

Um longo compasso de silêncio alonga-se antes de ele responder.

— Não tenho outras alternativas.

— Detesto admitir isto, mas há mulheres que se casariam contigo. Mulheres que não têm ideia de como tu realmente és.

A sua expressão torna-se sombria.

— Não quero um casamento a sério.

Eu também não quero um casamento a sério. Algo faz clique na minha cabeça, e pela primeira vez eu realmente considero essa hipótese.

Incompetente, chamou-me ele. Disse-o ao Ward. Fui a melhor da minha turma na Faculdade de Medicina, mas porque uso batom e sapatos de salto alto, e arranjo as unhas, aparentemente não sei o que estou a fazer.

Não. Encontrarei outra opção. Todos menos ele.

— Não. — Agarro nas minhas coisas, abro a carteira e deixo uma nota de vinte dólares no balcão. — Nunca resultaria. Odiamo-nos. Toda a gente sabe disso.

— Por isso é que *iria* resultar. — Ele observa-me a vestir o casaco, percorrendo-me com o olhar e retorcendo os lábios com ar de enjoo. — Eu nunca desenvolveria sentimentos por ti.

Rio-me para mim própria, fazendo um ar cabisbaixo.

— Uau. Logo quando estava a ficar com esperanças.

— Não vai haver complicações. Ambos teremos o que queremos.

Mais uma vez, a parte lógica e de resolução de problemas do meu cérebro faz-me parar e pensar melhor nisto. Ele não está errado. Detesto este homem com todas as fibras do meu ser. É exatamente como o Liam. Poderoso. Controlador. A carreira dele está em primeiro lugar, acima de tudo.

Talvez por isso resultasse, sussurra o meu cérebro. Não seria um verdadeiro casamento. Nunca seria amor. E que outra escolha tenho?

Depois do Liam, a ideia de casamento faz-me sentir claustrofóbica. Como se não conseguisse respirar. Como se as paredes se encolhessem à minha volta.

— Não — digo mais uma vez. Não posso casar-me com um tipo como o Volkov, mesmo sendo um casamento de fachada. — Resposta final. Vai procurar uma esposazinha tímida para assediáres, porque não vou ser eu.

O maxilar dele contrai-se, mas ele não diz uma palavra, e eu saio a passos largos do bar, dizendo adeus à Jordan.

Vou arranjar uma solução. Tenho de arranjar.

Capítulo 6

Georgia

Dias mais tarde, o Volkov ensombra-me a entrada do gabinete, no estádio.

Continuo a olhar para o ficheiro do meu paciente no monitor. O que é que ele faz aqui? Nunca estive no meu gabinete. Isto é muito estranho.

— O que se passa, Volkov? Perdeste-te no caminho para o submundo?

— Não. — Ele entra e fecha a porta. — Encontrei-o sem problemas.

Reprimo a vontade de rir. Detesto-o, e isto não teve graça. Encosta-se ao vidro, cruzando os braços sobre o peito largo, observando-me com aquela expressão fria irritante.

— Apesar de achares que eu não sou uma médica a sério, na verdade tenho trabalho a fazer com o meu pequenino cérebro feminino. — Enxoto-o com um gesto. — Vai-te embora.

— Pensaste no que falámos?

Fecho os olhos, expirando lentamente. Outra vez isto?

— Não — minto —, não pensei.

Foi *tudo* em que pensei esta semana. Tive outro advogado a analisar o testamento para ver se havia alguma margem — não há.

Não tenho outras opções. Uma náusea percorre-me. Detesto sentir-me presa assim. Detesto sentir que não tenho escolha, que estou a ser forçada.

— Tudo bem. — Ele começa a sair.

— Como é que funcionaria?

Ele detém-se, vira-se e fecha a porta novamente, observando-me.

— Tipo, por quanto tempo seria?

— O meu advogado de imigração diz que pode ser até um ano.

Um ano. *Okay*.

— A minha herança é distribuída após três meses de casamento. — Em meados de dezembro, se tratássemos disto rapidamente. Mesmo a tempo de os fundos serem cortados no hospital.

Ficamos em silêncio, apontando olhares um ao outro. Não acredito que estou realmente a considerar fazer isto.

Contudo, estou sempre a pensar nas raparigas do futebol. É importante. Ajuda-as. Faz a diferença.

Vou mesmo estragar tudo porque não consigo aguentar o Volkov durante um ano? Nunca me apaixonaria por ele. E ele está sempre a viajar com a equipa, de qualquer maneira. Seria como um colega de quarto horrível que nunca veria.

Talvez consiga fazer isto. Pelas raparigas, acho que consigo fazer isto.

Que inferno. Não acredito que estou realmente a fazer isto.

— Está bem.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Está bem, o quê?

— Está bem, eu... — O Ward passa do lado de fora das paredes de vidro do meu gabinete, e eu faço-lhe um sorriso discreto e aceno-lhe com a cabeça num cumprimento. Ele devolve o aceno, olhando para mim e para o Volkov com curiosidade. — Aceito. Alinho.

O Volkov observa-me, e eu reprimo o ímpeto de desviar os olhos. É aquele velho sentimento desde a Faculdade de Medicina, desde a infância, desde os meus anos de internato, sempre que um homem me tenta intimidar. Ele fá-lo sem qualquer esforço, sem sequer saber que o está a fazer, porque a sociedade lhe disse que ele tem todo o poder.

Cruzo as pernas, levantando um pé, e o olhar dele desce. Tenho os sapatos altos e pontiagudos, hoje. O maxilar dele contrai-se como sempre quando calço estes sapatos.

— Vem ter comigo ao italiano do outro lado da rua hoje à noite, e tratamos dos detalhes. — Aclara a garganta.

O quê? Eu não quero ir jantar com ele. Credo.

— Vamos ao bar.

— Precisamos de ser vistos. Fotografados.

Certo. O Volkov atrai as atenções onde quer que vá. Todos estes jogadores de hóquei atraem. Em Vancouver, o hóquei é uma religião, e estes homens são deuses.

— Às oito — diz.

— Nove. — Gosto de trabalhar até tarde porque há menos interrupções.

Ele acena com a cabeça uma vez.

— Não te atrases. — Quando está para sair, detém-se. — Para que precisas do dinheiro?

Não posso dizer-lhe a verdade. Mesmo que ele não queira saber, eu não quero que saiba. É um assunto pessoal, e meu, e não vou confiar ao Volkov algo tão especial. Além disso, o ódio dele dá-me força. De cada vez que o Volkov mostra quem realmente é, e age como um parvalhão, tenho um pouco daquela sensação de *eu tinha razão*.

Lanço-lhe um sorriso satisfeito e irónico, esticando a perna e deixando o salto do sapato descair.

— Para a minha coleção de sapatos, claro.

Passa um momento. Ele não acredita realmente que eu me casaria por *sapatos*, certo?

Ele abana a cabeça com uma expressão nauseada.

— Incrível, doutora. Subestimei o quão fútil és.

As palavras dele magoam, mas antes de eu conseguir responder, ele sai.

— Parvalhão — murmuro, espetando o dedo do meio nas costas dele enquanto ele se afasta.

Nem pensar que algum dia me apaixonaria por aquele idiota.